

A NOÇÃO TECTÔNICA EM DUAS OBRAS DE DOMINGOS BONGESTABS

João Victor Seigo (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Renan Augusto Avanci (Coorientador),
Renato Leão Rego (Orientador). E-mail: ra117405@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Tecnologia, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Arquitetura e Urbanismo, Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo.

Palavras-chave: Arquitetura pós-modernista; Curitiba; complexidade formal.

RESUMO

A proposição desta pesquisa parte da premissa de que ideias vinculadas ao contexto pós-moderno foram assimiladas na arquitetura curitibana em meados da década de 1960 e 1970, quando ainda repercutiam hegemonicamente na arquitetura nacional os preceitos modernistas. Com base no estudo de caso de duas obras do arquiteto Domingos Henrique Bongestabs (1941-), a saber, o Museu Botânico (1967) e o Pórtico para o Parque da Barreirinha (1972), a pesquisa considerou a expressão artística (forma) e a lógica construtiva (estrutura) como chaves 'tectônicas' para o entendimento destas obras. A análise formal a partir do redesenho desses projetos, revelou a conformação de formas complexas, permitindo a exploração dos materiais e o emprego do ornamento tão ao gosto do ideário pós-modernista.

INTRODUÇÃO

De modo geral, a noção tectônica define o material como chave para explicar a forma dos objetos e da arquitetura, reunindo à materialidade, os aspectos artísticos, culturais e estéticos (FRAMPTON, 1995; AMARAL, 2009). O denominador comum da construção e da expressão tectônica da arquitetura modernista brasileira, sobretudo a arquitetura brutalista paulista, operou a estrutura como elemento gerador do espaço e definidor da forma dos edifícios, além da simplificação intencional dos detalhes construtivos favorecidos pela tecnologia do concreto armado (SANTA CECÍLIA, 2006). Por outro lado, a guinada pós-modernista a partir da década de 1960, retomou as discussões sobre o valor simbólico da arquitetura, seja pelos aspectos historicistas, analógicos e tipológicos, como os propostos por Aldo Rossi, ou pelas intenções avessas à simplificação da forma como apresentado por Robert Venturi, revelando conformações mais complexas. A partir debate teórico, é possível notar elementos contextuais e ornamentais, promovendo complexidade e simbolismo formal que se distanciam dos preceitos modernistas. Os dois projetos analisados nessa pesquisa buscam justamente demonstrar a assimilação destas representações na arquitetura curitibana no início da segunda metade do século XX, sendo eles o projeto do Museu Botânico (1967) e do Pórtico

do Parque da Barreirinha (1972), ambos projetados pelo arquiteto Domingos Bongestabs em sua atuação junto ao Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC) nas décadas de 1960 e 1970.

Ainda que esses projetos não tenham sido materializados, a temática construtiva empregada como estratégia formal contribui para o entendimento de uma 'noção tectônica' que coloca o arquiteto consciente da materialidade, contribuindo para a representação de uma expressividade mais complexa. O estudo interpretativo desses projetos demonstra essa expressividade.

MATERIAIS E MÉTODOS

O redesenho e a análise dos projetos do Museu Botânico e do Pórtico do Parque da Barreirinha, entendidos nessa pesquisa como estudos de caso, foram desenvolvidos a partir das pranchas originais encontradas na mapoteca do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC) e no acervo do arquiteto Domingos Bongestabs, em Curitiba. Os meios analíticos se deram pelo redesenho das principais peças gráficas bidimensionais, além da confecção de modelos tridimensionais. Essa atuação metodológica do redesenho permitiu a análise formal dos projetos, fornecendo 'evidências' para o entendimento dos materiais utilizados diante das suas expressões artísticas, culturais e estéticas, portanto, de assimilação da 'noção tectônica' de cada edifício.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Museu Botânico (1967)

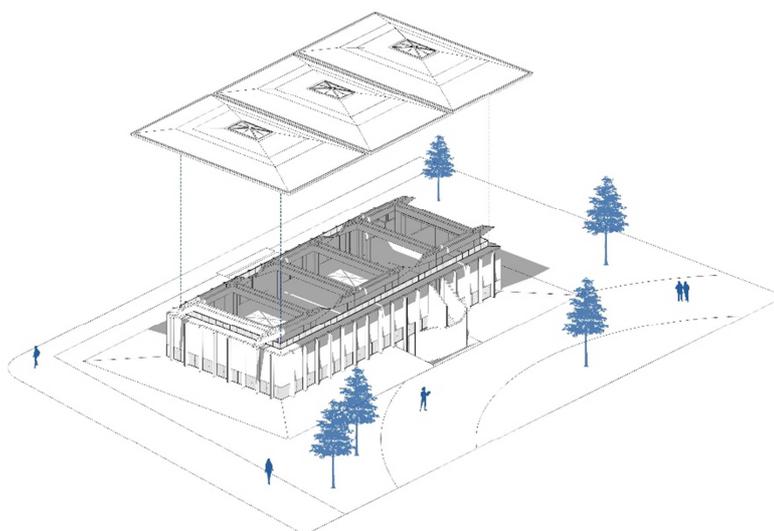


Figura 1 – Projeto do Museu Botânico, perspectiva. Fonte: Redesenho João Victor Seigo

Este edifício seria implantado em uma extremidade do Passeio Público de Curitiba, no encontro das vias Luiz Leão e João Gualberto, ao lado da Casa do Estudante. De conformação retangular, o arquiteto acomodou as atividades do museu em dois

pavimentos, sendo um deles semienterrado. As entradas principais estão voltadas para a rua Luiz Leão em conexão com a cidade e uma outra para o Passeio Público, ambas acolhidas pela área de exposições do pavimento superior. Na fachada voltada para a Casa do Estudante há um acesso de menor hierarquia que se destina às salas multiuso. Já o pavimento inferior é acessado por uma escadaria em U, direcionando os usuários para uma outra área de exposição e serviços.

Proposto em estrutura de concreto armado, o projeto apresenta dois sistemas estruturais. Um deles, estrutura os painéis de vedação em pilares modulados, conformando um ritmo regular para as quatro fachadas do edifício. Um outro sistema de pilares duplos e vigas nos seus entremeios, sustenta o telhado, também proposto como um plano em concreto dividido em três coberturas multi-águas com uma claraboia no topo, criando uma iluminação indireta no pavimento superior. Há janelas em fita contornando integralmente os dois pavimentos do edifício, cujo objetivo é filtrar a iluminação dos ambientes. Já o controle solar é feito por brises verticais em concreto.

Percebe-se que a conformação deste projeto alude à uma construção em madeira. A estratégia formal adotada pelo arquiteto usa o concreto para representar a lógica das construções em madeira. Um princípio próximo ao utilizado pelo arquiteto Kenzo Tange no projeto da Prefeitura de Kagawa (1958). Neste projeto, Tange propôs um edifício vertical em concreto com um forte caráter simbólico ao imitar a construção tradicional japonesa em madeira.

A partir da análise do projeto do Museu Botânico, pode-se compreender a utilização da variável de simbolização cultural como expressão tectônica do edifício (ASCHNER-ROSSELLI, 2009). Essa configuração utilizou o material como artifício para a concepção da forma e da estrutura, prevalecendo uma certa contradição e complexidade formal ao se apropriar do concreto armado como meio de representação de uma estrutura tradicionalmente em madeira.

Pórtico do Parque da Barreirinha (1972)

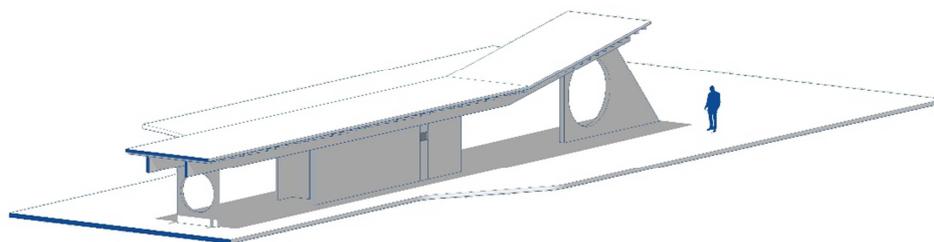


Figura 2 – Projeto do Pórtico do Parque da Barreirinha, perspectiva. Fonte: Redesenho João Victor Seigo

Demarcado pelo partido da horizontalidade, o Pórtico de acesso ao Parque da Barreirinha cria uma cobertura linear de abrigo para o desembarque de ônibus, carros e pedestres. Abaixo dessa cobertura, um pequeno volume contendo portaria e bilheteria fariam o controle de acesso ao parque. Este volume fica encaixado de modo que seu perímetro é determinado pelas duas vigas mistas de madeira e concreto que perpassam o sentido longitudinal (madeira) e transversal (concreto) do

pórtico. Em uma sequência de planos ornamentados por vãos circulares, a cobertura é sustentada por estes planos em concreto que estabelecem uma interface com a viga em madeira por meio de conectores metálicos.

Percebe-se que a concepção arquitetônica deste projeto explora vários materiais. A estratégia formal adotada pelo arquiteto não simplifica a forma, fomentando uma certa complexidade que é validada pela expressão tectônica do projeto. Concreto, madeira e estrutura metálica se conectam para edificar a expressão artística do projeto.

CONCLUSÕES

A análise de ambos os projetos mostrou a utilização dos materiais como artifício de simbolização cultural e complexidade formal, características em destaque a partir das teorias de revisão dos preceitos modernistas. No projeto do Museu Botânico, o concreto armado representou um sistema construtivo em madeira e no Pórtico, a multiplicidade de materiais caracterizou uma complexidade em uma forma que poderia ser simplificada. Nota-se a liberdade experimental do arquiteto em se apropriar dos materiais para idealizar projetos cuja 'noção tectônica' manifesta uma expressão artística, cultural e estética.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fundação Araucária, pela bolsa de estudos e fomento à pesquisa científica. Agradeço também ao meu orientador, prof. dr. Renato Leão Rego e ao meu coorientador, o doutorando Renan Augusto Avanci, pela dinâmica de ensinar e fazer pesquisa.

REFERÊNCIAS

ASCHNER-ROSSELLKI, J. P. *¿Cómo concebir un proyecto arquitectónico?* **DEARQ – Revista de Arquitectura**, Bogotá, n.5, p. 30-41, 2009. Disponível em: <https://revistas.uniandes.edu.co/index.php/dearq/article/view/3074>. Acesso em: 15 julho 2023.

AMARAL, Izabel. Quase tudo que você queria saber sobre tectônica, mas tinha vergonha de perguntar. **Pós. Rev. Programa Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**. n.26, FAUUSP. São Paulo: dez., 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/273091490_Quase_tudo_que_voce_queria_saber_sobre_tectonica_mas_tinha_vergonha_de_perguntar#fullTextFileContent. Acesso em: 10 maio 2023

FRAMPTON, Kenneth. **Estudios sobre cultura tectónica. Poéticas de la construcción em la arquitectura de los siglos XIX y XX**. Madrid: Akal, 1999

SANTA CECÍLIA, Bruno Luiz Coutinho. Tectônica moderna e construção nacional. **Minimo denominador comum MDC Revista da Arquitetura**, Belo Horizonte, v. 1, p. 6-9, 2005. Disponível em: <https://mdc.arq.br/2006/01/31/tectonica-moderna-e-construcao-nacional/>. Acesso em: 10 maio 2023